



A DOCÊNCIA COMO ESPAÇO DE REINVENÇÃO DO CORPO MASCULINO: resistência e subjetivação

Rogério Machado Rosa¹

RESUMO

Esta escritura configura-se como um desdobramento de minha pesquisa de mestrado, que investigou o modo como professores de Ensino Médio experienciam a *insubmissão à masculinidade hegemônica* e constroem seus corpos e suas masculinidades na relação com a atividade docente. Analiso excertos das narrativas dos professores obtidas por meio de entrevistas de modo a discutir o complexo imbricamento entre as relações afetivas da/na docência, o corpo docente e suas masculinidades e a *artístagem* de si. Para tal análise, dialogo, principalmente, com autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Nietzsche. O corpo dos professores é aqui compreendido como plano de inscrição e veículo das forças afetivas e vibratórias que por ele passam e que os coloca em movimento de *desterritorializações e reterritorialização*: forças-fluxos que vibram corporalmente e possibilitam outras subjetivações, bem como engendram variações em suas performatividades de gênero.

Palavras-Chave: Corpo. Docência. Masculinidades. Subjetivação.

TEACHING AS A SPACE FOR REINVENTION OF MALE BODY: resistance and subjectivity

ABSTRACT

This scripture is configured as an offshoot of my master's research, which investigated how high school teachers experienced the "refusal to submit to hegemonic masculinity" and build their bodies and masculinity in relation to teaching. I analyze excerpts from teachers' narratives obtained through interviews in order to discuss the complex interweaving among affective relations from/in teaching, the faculty and their masculinity and their own artistic performance of themselves. For this analysis, I dialog mainly with authors such Michel Foucault, Gilles Deleuze and Nietzsche. The body of teachers is here understood as a plan and vehicle of affective and vibrational forces which pass through it, and that puts them in motion and reterritorialization un-reterritorialization: flow-forces that vibrate bodily and enable other subjectivity, as well as engender variations in their performativity of gender.

Keywords: Body. Teaching. Masculinities. Subjectivity.

LA DOCENCIA COMO ESPACIO DE REINVENCIÓN DEL CUERPO DE LOS HOMBRES: resistencia y subjetivación

RESUMEN

Esta escritura está configurada como un desdoblamiento de mi investigación del grado de maestría, que investigué el modo como profesores de Enseñanza Secundaria (o Media) tuvieron experiencia de *insumisión masculinidad hegemónica* y construyen sus cuerpos y su propia masculinidad en la relación con la actividad docente. Analizo extracto de narrativas de los profesores obtenidas por

¹ Psicólogo. Mestre em Educação e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professor do Departamento de Metodologia de Ensino - MEN/UFSC. Pesquisador do Núcleo Vida e Cuidado – NUVIC/CED/UFSC. Temas de pesquisa: Corpo. Docência. Infância. Masculinidades. Violências. E-mail: <rogeriomachado6@yahoo.com.br>



medio de entrevistas de modo a discutir el complejo entrelazamiento entre las relaciones afectivas de/en la docencia, el cuerpo de profesores y su propia masculinidad, y su performance artístico de sí mismos. Para tal análisis, yo dialogo principalmente con autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Nietzsche. El cuerpo de los profesores es comprendido, aquí, como plan de inscripción y vehículo de fuerzas afectivas y vibratorias que por ello pasan, y que los pone en movimiento de *desterritorialización y reterritorialización*: fuerzas-flujos que vibran corporalmente y posibilitan otras subjetividades, así como engendran variaciones en su performances de género.

Palabras-clave: Cuerpo. Docencia. Masculinidades. Subjetivación.

APRESENTAÇÃO

Este texto corresponde a uma passagem de minha dissertação de mestrado onde inseri, na arena, o debate sobre a criação do *corpo-masculino-docente*. Procurei compreender como professores de Ensino Médio que experenciam a *insubmissão à masculinidade hegemônica* constroem seus corpos e suas masculinidades na relação com a o exercício da docência em nível Ensino Médio.

Aqui, especificamente, darei ênfase reflexiva a excertos das narrativas docentes obtidas sob forma de entrevista, que aludem à acontecimentos biográficos que, segundo eles, estão associados ao processo de criação dos seus corpos e de suas masculinidades: *corpos-masculinos-menores*². As falas analisadas serão associadas aos respectivos pseudônimos dos docentes. Assim, mantem-se a mesma opção metodológica eleita na ocasião do desenvolvimento da dissertação.

Farei essa discussão amparado, particularmente, na perspectiva do Corpo sem Órgãos (CSO) de Deleuze e Guattari. Buscarei cartografar o processo de *variação-*

² Deleuze e Guattari, na obra *Kafka - por uma literatura menor*, desenvolvem o conceito de *literatura menor* como dispositivo para analisar a obra de Kafka. Os textos de Kafka são considerados subversivos e revolucionários porque representam uma atitude de resistência à própria língua alemã. São uma espécie de literatura menor, afirma Deleuze. Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a delas? Ou então, nem mesmo conhecem mais a própria ou, ainda, não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a servir? Problema dos imigrantes e, ressaltam Deleuze e Guattari (1997, p. 25), “é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior”. Na perspectiva de Kafka, judeu tcheco que escreveu em alemão por causa da ocupação alemã na região, uma literatura menor desagrega a própria língua, pois corrói o seu interior sendo veículo de desagregação dela própria. A partir dessas ideias, Deleuze e Guattari apresentam três características básicas de uma literatura menor: desterritorialização da língua, pois desloca a língua de seu território *natural*; ramificação política, porque desafia o sistema estabelecido; valor coletivo, uma vez que fala do coletivo e para o coletivo e não por si mesma. Em sua voz ecoam as inquietações de uma comunidade minoritária. Assim, a ideia de *corpo-masculino-menor*, advém desses pressupostos.

deslocamento-multiplicação do corpo masculino docente a partir dos blocos de sensações que os encontros nele impregna, engendrando derivas e inspirando a experimentação do Corpo sem Órgãos (CsO). A intenção é trazer à tona a estética das sensibilidades dos agenciamentos afetivos que produzem os corpos e as masculinidades dos professores em questão.

O corpo docente masculino será tomado, então, como plano de inscrição e veículo das forças afetivas e vibratórias que por ele passam e que o coloca em movimento de desterritorializações e reterritorialização: *forças-fluxos* que vibram corporalmente. Problematizarei, assim, o lugar do encontro pedagógico como possível dispositivo maquínico, apontando para a ideia de que os agenciamentos produzidos, a partir daí, operam na criação de um *corpo-masculino-marginal*.

Como já anunciado anteriormente, farei um exercício analítico de excertos de algumas narrativas de professores participantes de minha pesquisa de mestrado. Os dois primeiros convidados a participar da referida pesquisa haviam trabalhado na mesma escola que eu há alguns anos. Eles se alinhavam ao perfil desejado para efeito do alcance dos objetivos estabelecidos na proposta de pesquisa. No primeiro contato com ambos, explicitarei a temática e os objetivos em foco e convidei-os para serem parceiros neste projeto. Concordaram em conceder-me entrevistas e também me ajudaram a localizar outros professores com perfil semelhante, pois a proposta era entrevistar entre sete e dez professores que, de alguma forma, transgredissem o modelo socialmente dominante de corpo masculino. Obviamente, não havia um critério rígido para a escolha desses entrevistados, mesmo porque a maioria deles eu desconhecia. A característica fundamental era a não conformidade ao modelo canônico de corpo e de masculinidade reiterado socialmente, e isso poderia ser expresso de diversas maneiras, seja no contato mais afetivo com alunos/as e colegas de trabalho, por uma postura mais plástica em termos de performance de gênero, entre outros modos de expressão. Enfim, para evitar cair nas armadilhas do determinismo binário, a ideia era entrevistar professores que, de alguma forma, borrassem as fronteiras do imbricamento corpo x gêneros.

Nessa *escritura-viagem*, falo de um lugar muito específico, a docência. Espaço este que ocupo e do qual não saio ileso. Na efervescência da relação pedagógica, os desejos, as performances de gênero, o pensamento e o estilo de convivência são lançados aos domínios do indiferenciado. Todavia, adverte-nos Deleuze (1991) que, para não sermos diluídos no caos das forças abissais que os encontros forjam, prudência é necessário. Assim, tem sido necessário manter “um mínimo, um mínimo de estrato, um mínimo de formas e de função, um mínimo de sujeito para dele extraíamos materiais, afectos e agenciamentos” (DELEUZE, 1991, p. 173).

Cabe aqui, também, a seguinte advertência: o sujeito a ser conhecido nunca será totalmente conhecido, posto que está sempre por vir. Sua linguagem, seus costumes e suas performances são expressões de sua fugacidade. O outro é uma passagem. Sua linguagem talvez seja o mais (im)palpável que possa expressar de si. Skliar (2003, p. 139) argumenta que “o outro não se pode conhecer, nem se pode nomear e ainda que se queira capturá-lo, ele sempre se afasta”. Dando mais ênfase a essa ideia, Derrida (1997, p. 139) afirma:

No rosto, o outro se entrega em pessoas *como outro*, ou seja, com o que não se revela, como o que não se deixa tematizar. Não poderei falar do outro, converte-lo em temas, dize-lo como objeto, no acusativo. Somente posso, somente *devo* falar do outro, chamar-lhe em vocativo (...).

O outro desassossegado, itinerante e fugidio anuncia a impossibilidade de conhecê-lo (pesquisá-lo) empreendendo uma atitude linear que busque situá-lo em um antes-durante-depois, ou defini-lo a partir da decifração de seus códigos linguísticos, culturais ou sociais. Na pós-modernidade, argumenta Louro (2004, p. 13) “parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante”.

Uma das contribuições importantes que vem costurando alguns autores e autoras inspirados na perspectiva pós-estruturalistas é um amplo questionamento sobre o domínio da razão, ao sujeito racional, livre, autônomo, soberano da Modernidade. O que nos atrai nesta perspectiva é como esse movimento vem desalojando, empurrando para os limites as formas de verdades que foram produzidas ao longo dos tempos. Sua radicalização

não consiste no novo, mas em debruçar-se em um movimento de desconstrução da história, não para destruí-la, mas para tomá-la sobre seus diferentes discursos.

Foucault, por exemplo, permitirá, nessa direção, um olhar muito intrigante sobre a história, principalmente a partir de seus estudos genealógicos. A história, assim, é vista por suas descontinuidades, por aquilo que vaza; com isso, critica a perspectiva da linearidade histórica, presentifica os acontecimentos, suas histórias, mas, sobretudo, sua política (DELEUZE, 1991).

Para Veiga-Neto (2004, p. 66) “A genealogia faz um tipo especial de história”. Trata-se de uma história que procura a gênese no tempo, não para buscar um *momento de origem*³, mas para escutar a história em seu próprio funcionamento, em sua materialidade, o(a) genealogista (...) aprende que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’ não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são em essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (VEIGA-NETO, 2004, p.67, grifos do autor).

Para a abordagem da categoria corpo, apoio-me em dois autores, Gilles Deleuze e Félix Guattari que, em parceria, construíram o conceito de *Corpo sem Órgãos*. Em *O Anti-édipo*, Deleuze e Guattari, inspirados no dramaturgo e diretor de teatro Antonin Artaud, criam o conceito de *Corpo sem Órgãos*. Opondo-se à ditadura do corpo organizado em órgãos, alvo dos mitos, disciplinamentos e essencializações biológicas, o Corpo sem Órgãos instaura-se e opera em espaços intervalares. É feito de devires os quais nunca se alcançam e que, por isso, é um corpo por vir. É exatamente essa característica do CsO, a fugacidade, que o torna resistente às instâncias disciplinadoras que desejam confinar o corpo em um aparato meramente biológico.

MAPEANDO SABERES E CARTOGRAFANDO SENTIDOS SOBRE AS MASCULINIDADES

³ Veiga-Neto coloca que, quando operamos esta crítica, estamos nos referindo ao sentido *duro* da palavra *origem* como *o lugar da verdade*, mas que também podemos entender a *origem* como *proveniência*, como um ponto de recuo no tempo em que o eu inventa para si uma coerência (VEIGA-NETO, 2004).

Busquei em Robert Connell (1995), Marie-Hélène Bourcier (2005) e Pedro Paulo de Oliveira (2004) aproximações para subsidiar meu trabalho com a categoria *masculinidades*. Advirto, inicialmente que, a partir desses autores, a categoria deixa de ser pensada no singular e adquire o plural como status. Porém, antes de ater-me à noção de masculinidades proposta pelos autores, considero relevante reportar-me aos escritos de Michel Foucault, em *História da Sexualidade, Vol. 1*, texto do qual partem os autores acima citados, pois nele o filósofo francês afirma que foi no bojo da transição da era clássica para a moderna que o conceito de sexualidade, e com ele a noção de masculinidade e de feminilidade, também foi desenvolvido no Ocidente. O autor destaca que tanto a ideia de masculinidade quanto a de feminilidade hegemônicas estiveram associadas ao espírito desse período de transição, e coincidem com a construção de dispositivos disciplinares, como a escola, o hospital e a prisão, entre outros, que tinham como objetivo comum a construção do sujeito moderno. Porém, do mesmo modo que o conceito de masculinidade fundou-se no interior do pensamento moderno, também é abalado com o advento da *Crise da modernidade*.

Assim, afirma Oliveira (2004), a eclosão do que hoje chamamos de pós-modernidade que, marcada pela desconstrução das grandes promessas, intercâmbios culturais e desmanche de fronteiras identitárias, abala as referências instituídas no período moderno, deflagra uma espécie de pulverização da noção de masculinidade. Gradativamente, a clássica representação social do masculino hegemônico — o macho, viril e provedor — começa a ganhar flexibilidade e comportar outros modos de expressão. Muitos deles engendraram-se na contramão do modo de homem reverenciado socialmente.

Já Connell (1995) revela que a modernidade não gerou apenas um modelo de masculinidade, mas vários. Contudo, deu visibilidade e legitimidade a apenas um deles, tornando-o hegemônico, de modo a custar caro aos sujeitos que não aderiam a esse modelo. Parece-me conveniente destacar que, na pós-modernidade, o modelo hegemônico de masculinidade ainda possui força e opera em larga escala. Todavia, percebe-se, na cena social, a presença de um número expressivo de diferentes modelos de masculinidade, o que não significa que haja uma total aceitação dos mesmos. Mas é fato que as transformações do tempo presente, atreladas às lutas políticas dos movimentos sociais (feministas, gays, lésbicos...), que reivindicam a legitimidade das diferenças, contribuíram significativamente

para a ampliação da noção de masculinidade. Neste caso, fica evidente que as lutas das políticas pós-identitárias, travadas ao longo dos tempos, contribuem tanto para a descontração da concepção naturalística do gênero, quanto para a dissolução do binarismo masculino x feminino. Nesta ótica, não faz mais sentido falarmos em masculinidade no singular, e sim no plural, *masculinidades*, haja vista que uma masculinidade fabrica, em torno de si, derivas de outras masculinidades (CONNELL, 1995).

Nessa linha argumentativa, o autor sugere que a “masculinidade é uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188). E segue dando ênfase na dimensão plural do masculino, afirmando que “existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de ‘masculinidades’” (CONNELL, 1995, p. 188, grifo do autor).

Habitamos um mundo marcado por incertezas e constantes transições. A construção do corpo e das marcas que ele carrega, como as de gênero e de sexualidade, por exemplo, também são expressões de suas experiências mundanas. Para Agamben (2005), o que define a experiência não está na interioridade do que ocorre, mas depende da posição do sujeito da experiência. O modo como fazemos nossas experiências subjetivas, em um mundo marcado por fluxos cada vez mais velozes, põe em cheque qualquer pretensão ao sossego. A denominada condição pós-moderna, marcada pelo aceleração da experiência humana, tem provocado “certo atordoamento no atual ritmo de vida e possibilita novas formas de sociabilidade que ainda não estão completamente assimiladas, pelos agentes e instituições” (OLIVEIRA, 2004, p. 87).

Vivemos em *tempos líquidos*, sustenta Bauman (2001) ao afirmar que, atualmente, o que experienciamos nada mais é do que a diluição dos propósitos universalizantes da modernidade. A fugacidade dos tempos e das experiências na contemporaneidade, além de incidir na construção da cegueira do que somos e estamos fazendo de nós mesmos, como nos alertou Nietzsche, também produz fortes impactos sobre os modos como vivemos nossos afetos, nossas relações intersubjetivas e, sobretudo, sobre o modo como constituímos nossas identidades. Conforme seu trânsito social, cada sujeito

acaba por experimentar variações de sentidos na medida em que dialoga com sujeitos oriundos de contextos com distintos sentidos.

Isso parece ser aplicado, especialmente, ao âmbito dos saberes sobre a construção das identidades masculinas no tempo presente. Oliveira destaca que “não apenas algumas vivências da masculinidade são mais típicas de alguns grupos, mas que algumas são típicas de alguns contextos, de algumas interações e não de outras” (OLIVEIRA, 2004, p. 278). O autor chama atenção para uma espécie de *hibridização* dos sentidos de masculinidades produzidos no bojo das dinâmicas pós-modernas. Ainda a esse respeito, ele afirma:

Será necessário também pensar em vivências diferenciadas inclusive para um mesmo agente, ou seja, uma variação na expressão dos modos de ser masculino de acordo com suas diferentes interações. Evidentemente, alguns agentes, em função de suas posições sociais, terão maior possibilidade de trânsito que outros, o que explicaria uma maior gama de vivências masculinas. Isso tornaria compreensível os predicados culturais contraditórios que compõem o leque de descrições para uma vivência masculina (hegemônica, subordinada, predatória, responsável, etc.) e suas possibilidades de expressões diferentes de modos de ser masculino no mesmo agente (OLIVEIRA, pp. 278 – 279).

Fica evidente que as crises geradas pelos atravessamentos que tecem a organização do tempo presente (globalização, mídias, conflitos religiosos, volatilidade econômica, concentração de poder político, tecnologias, entre outros), redesenham os modelos de sociabilidade na contemporaneidade e, sobremaneira, os modelos de subjetivação masculina sustentados na relação de domínio dos homens sobre as mulheres. Certamente, apenas em uma época em que as certezas estão em discussão é que se poderia imaginar que um ideal, até então indiscutível, como foi o caso do ideal de masculinidade, passasse a ser alvo de atenção, em função de sua possível inadequação aos novos tempos.

CORPOREIDADE MASCULINA HÍBRIDA: DOCÊNCIA PLURAL

As máquinas desejanter (estado, família, igreja, escola, etc.), movidas pela lógica da falta, pretendem nomear e estabilizar o corpo. Buscam sua conformidade e produzem organismos que fazem o corpo padecer. O que Deleuze e Guattari (2004) nomearam de

corpo sem órgãos (CsO) é exatamente o oposto a isso: amorfo, indiferenciado, sem organização, inconsumível. É um corpo sem imagem, mas isso não significa que o corpo sem órgãos é o nada, pelo contrário: ele é pleno de intensidades. O CsO repudia as máquinas desejantes, mas também as atrai e apropria-se das mesmas.

O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre re-cortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 46).

Trata-se de um corpo inapreensível que resiste ao poder e inaugura-se outro? Corpo que foge e escapa? Corpo que nunca é totalmente domesticado, pois está sempre além de si mesmo e das possibilidades de ser controlado e capturado? E sobre os tipos de masculinidades que se materializam nos corpos e dão movimentos e formas aos corpos dos professores participantes desta pesquisa, que tipo de elucidação e de aproximação é possível ser feita a partir do estabelecimento de um diálogo com Deleuze e Guattari? Mas de que corpo, efetivamente, estamos falando?

Um corpo biológico, construído por órgãos, tecido e uma seqüência de DNA, objeto de pesquisa, que, na contemporaneidade, atingiu seu pico? O corpo da ciência, da engenharia genética, que faz experimentos como o da clonagem e estudos a partir das *células-tronco*? O corpo, objeto da medicina, que tem vísceras, intestinos, que possui um fora e um dentro, esmiuçados nas radiografias, em exames cada vez mais complexos e por aparelhos que escutam os lugares mais recônditos e acabam por realizar um ideal de visibilidade que exclui o sujeito de seu saber? O corpo, imerso em intrincadas relações de poder, que se apresenta como marcas de distinção da sociedade? O corpo supliciado e outrora exibido em praças públicas, alvo de repressão penal? O corpo dócil, domesticado pela disciplina e pelo trabalho? O corpo, vigiado em todos os seus pontos por um olhar invisível? O corpo da moda, cuja roupa que o encobre pode trazer a assinatura do estilista, a *griffe*, ou apenas o corpo nu, despojado de qualquer vestimenta ou adorno, sem não, contudo, portar traços, dobras e grifo próprio? O corpo, que sai do espaço privado da casa e ganha as páginas dos jornais, as propagandas de TV, os anúncios das revistas, os *outdoors* da cidade e transita pelas ruas? (LINS & GADELHA, 2002, p. 81).

Como ponto de partida para a análise das narrativas docentes, tomo a questão de Deleuze que, para ele era, também, a questão de Espinosa, qual seja, *O que é possível ao corpo?* A pergunta é provocativa. Remete à ideia de corpo como potência, que tem poder de ação sobre o mundo e sobre si próprio. Também permite supô-lo em seus limites, fragilidades e (im)possibilidades.

Com efeito, a materialidade do corpo também é marcada por divisores étnicos, de classe social, de gênero e sexualidade, por exemplo. São processos indissociáveis e simultâneos que conferem ao corpo um caráter plástico, móvel e plural. Percebemos que são múltiplas suas formas de expressão e modos de organização, e que sua materialidade está intimamente associada às suas maneiras de inserção no mundo. Isso se evidencia na fala do professor Híbrido (comunicação pessoal, 12 de junho de 2009, p. 8) ao remeter-se ao lugar ocupado pelo corpo no ofício docente:

Então, eu acho que ser professor, de alguma forma, é ser pretensioso. É gostar de ter seu corpo em evidência. Eu acho que, quem não consegue lidar bem com o próprio corpo, não consegue ser um bom professor, porque eu acho que essa evidência que o professor tem; essa coisa do não anonimato exige de nós um bom nível de autoconhecimento.

Híbrido fala do corpo e suas possibilidades. Fala do poder afetivo do corpo. Fala dos poderes do corpo e sua capacidade de alterar os espaços por onde transita e também de sua capacidade de ser afetado e transformado pelo contato com outros corpos e espaços. Fala, ainda, da conquista da identidade de professor. Ressalta que ela se dá em um processo de exposição do corpo à alteridade. Contudo, se partimos da pergunta *O que é possível ao corpo?*, cabe perguntar também: de que corpo estamos a falar? Que corpo é esse sobre o qual comenta o professor Híbrido?

A narrativa do professor Ricardo também parece remeter a um corpo *outro*, diferente. Ela fala das reações e percepções que tinha do seu corpo quando na presença, em sala de aula, de uma aluna, considerada por ele a mais bela e dedicada da turma, pela qual ele também se sentia fortemente atraído. Seu comentário também dá algumas pistas que aproximam da noção de corpo que aqui está em jogo. Vejamos:

O que eu fazia ao percebê-la me olhando? Eu não dava bola, mas percebia. Eu deixava de me vestir bem? Não. Eu me vestia melhor ainda, tá. Eu me vestia melhor ainda, e aí é que eu procurava me mostrar. Ela não me fez deixar cair a peteca, sabe? Ela me deu um *plus*, me deu mais força, é... Isso é normal em qualquer relacionamento, tu se sente pra baixo e de repente você encontra aquela pessoa e o que acontece? Te valoriza, te joga pra cima, e ela fez me sentir assim, sabe? Eu não baixei a guarda não, eu continuei, agi naturalmente, discretamente e tal. E eu correspondia às vezes, com olhares, eu ria, eu brincava, eu consegui levar, porque por um momento eu pensei assim: e se eu chutasse o pau da barraca? Mas ficou por isso mesmo. Mas ela me ajudou muito, muito. Me sentia mais vivo, meio embriagado (Comunicação pessoal, Professor Ricardo, 10 de maio de 2009, p. 03).

O professor Ricardo experimenta um corpo pulsante, potente e atravessado por desejo e prazer. Corpo que se altera, ou mesmo se (re)organiza na experiência do encontro com outro corpo. Narra um corpo que está para além de um organismo organizado em partes e órgãos. Mas, que corpo seria este? Talvez se aproxime do Corpo sem Órgãos (CsO)⁴ de Deleuze e Guatarri.

O que seria um CsO, segundo esses autores? Antes deles, com o dramaturgo Antonin Artaud, houve a primeira aparição desse tipo de corpo. Ele acreditava sermos atravessados/as por linhas e fluxos. Provém dele a inspiração na qual arte, vida, poesia e realidade encontram-se em um espaço onde se conectam fluxos e delírios comunicativos. As linhas, ora produtos do acaso, ora inventadas por nós, compõem-nos. Ele assim se narra (ARTAUD, 1983, p. 161): “Eu sou homem pelas minhas mãos e meus pés, meu ventre, meu coração, minha carne, meu estômago, cujos nós me reúnem à putrefação da vida”. E segue, poeticamente:

Quem sou? De onde venho? Eu sou Antonin Artaud, e basta dizê-lo. Imediatamente, vereis o meu corpo atuar. Voar em estilhaços e em dois mil aspectos notórios. Refazer um novo corpo. Onde nunca mais podereis esquecer-me (ARTAUD, 1983, p. 161).

O autor parece falar de um corpo em estilhaços que produz outro corpo. Feito de linhas de forças que cruzam, chocam-se e lançam-se para múltiplas direções. Um corpo feito de linhas errantes, sem direção e que desenham um corpo-movimento, dançante. Nele tudo começa. Tudo termina e escapa. Um corpo em devir? Um corpo fora de órbita? Fora da

⁴ Sigla para Corpo sem Órgãos.

lógica, transgressivo? Seria esse o Corpo sem Órgãos que também encontramos em Deleuze e Guattari? Atemo-nos ao que os autores têm a dizer sobre o CsO:

O CsO não é desejo, mas tem desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgão não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – O CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, Tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante e nômade na estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 28).

O Corpo sem Órgãos desafia a lógica, a simetria e a linearidade. É o corpo da experiência, com suas próprias forças. É o corpo livre da interpretação e do juízo cultural que impedem a construção de novos modos de vida e organização a ele. Na experiência docente, conforme relata o professor Híbrido:

Sem dúvida nenhuma, o corpo do professor tem potência. Uma vez foi engraçado... Eu saí para buscar... Acho que giz, não me lembro bem, e quando entrei na sala, assim, uma aluna olhou pra mim e falou: professor, o senhor não caminha. O senhor flutua. O senhor desfila. Essa coisa de toda a idealização, o que poderia ser uma 'bichice' na rua, passa a ser um diferencial na escola. Até a própria expressão que a aluna utiliza, 'o senhor não caminha, o senhor flutua, desfila...' Aí eu brinquei: uma borboleta, não é? Parece uma borboleta, não sei o que... a gente ficou rindo com essa coisa. Isso mostra que o teu corpo é algo muito presente, sobretudo na relação com os alunos (Professor Híbrido, comunicação pessoal, 12 de junho de 2009, p. 02).

O corpo do referido professor, conforme seu depoimento, parece desterritorializar-se e assumir diferentes sentidos, formas, nomes e modos de expressão. Neste caso, encontramos um corpo em devir. Um corpo leve e traçado por intensidades velozes, pois, segundo a aluna, ele não caminha, mas flutua e desfila. Esse corpo-docente é marcado por certa *bichice* que, *na rua, seria um problema*, mas na escola e na relação com os/as alunos/as, passa a ser possível. Passa a ser *um diferencial*. Notamos que a relação pedagógica apresenta-se com lugar de inventividade e mesmo de transgressão dos corpos.

Percebemos, na narrativa do professor Híbrido, o devir animal do seu corpo. Ele conta o que ouve da sua aluna ao entrar na sala. Diz a aluna: "O senhor não caminha, o

senhor flutua, desfila”, e segue: “Aí eu brinquei: uma borboleta, não é?” (Professor Híbrido, comunicação pessoal, 12 de junho de 2009, p. 05). Ele associa-se a uma borboleta. Um corpo alegre, que voa e ri do modo como se experimenta e acontece. Um corpo que está para chegar e não um corpo que reclama sua originalidade.

Ao contrário, podemos perceber que, como em passos de dança, o encontro do professor com a aluna produz relativo descontrole dos corpos de ambos. Há lugar para o afeto, o gracejo, o *sarro* e o riso. Esses corpos dançarinos alargam-se em suas possibilidades quando embalados pelos movimentos do balé do encontro, e passam a ser habitados de modos diferentes, prolongam-se. Nasce um corpo cheio de possibilidades, híbrido, bizarro. “Para habitar melhor seu corpo e também comandá-lo, esqueçam-se dele, pelo menos em parte. É necessário certa inconsciência dele” (SERRES, 1994, p. 43). Sim, um corpo que se desterritorializa, abre-se para o mundo e afirma-se no movimento de diferenciação que imprime. Ele descola-se de si.

Isso também aparece na narrativa do professor Curinga (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009). Ele fala das possibilidades que se abrem ao corpo no encontro com os/as alunas/os:

O corpo grita! (risos) De várias formas. A libido, a fantasia... Que acontece. Quer dizer, enquanto tu vai ouvindo a fala do outro tu vai interagindo com ele, ao mesmo tempo, às vezes tu se entrega a eles em pensamentos. O corpo também sente essas mudanças. Então, tu vai vendo outras possibilidades (Professor Curinga, comunicação pessoal, 10 de maio de 2009, p.08).

Percebemos um corpo que caminha (flutua) rumo à “... alteridade e à singularidade. Portanto, aí o fato de que o CsO deve ser criado; trata-se sempre de um corpo pleno a *devoir*. [...] trata-se sempre de um corpo em ex-apropriação, tanto monádico, quanto rizomático, curto-circuito, misturado” (DOEL, 2001, p. 97). O Corpo sem Órgãos é um corpo intervalar. Sem rosto, sem identidade e sem imagem de si. Todavia, isso não significa dizer que o CsO é um nada, pois ele é pleno de intensidades que por ele passam e circulam. Deleuze & Guattari (1996) comentam:

O Corpo sem Órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre re-cortados por cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.46).

Temos em Deleuze e Guattari um corpo que desliza e escapa. Ele é rebelde, portanto. É atravessado por eixos, graduações e intensidades, e não por representações. O CsO é feito do que é vivido. São forças, potencialidades, derivas, limites e graus que se dão por aproximação e distanciamento, e constroem estados intensivos. O CsO é um acontecimento singular, passageiro e intenso. Ele é produzido na experimentação das forças puras; contudo, não é um corpo vazio, mas transbordante. Ele transborda de intensidades que o cortam e o (re)definem permanentemente. É um movimento veloz; um salto no abismo; um perigo e/ou uma provocação; um devir corpo e não um corpo *a priori*. Ele escapa a toda interpretação e/ou significação. Como um nômade, está em todos os lugares e em lugar nenhum. Um corpo híbrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos, no caso dos professores citados, corpos riscados e rabiscados pelo risco que assumem ante o desejo e a possibilidade de (re)invenção de si. “O corpo grita quando estou junto com os alunos!”, argumenta o professor Curinga (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009, p. 05). Grito agonizante diante das pequenas mortes, necessárias para a celebração de uma nova vida? Grito de prazer pelo vislumbre de outras possibilidades para si? Grito de dor pelo rasgo causado pela alteridade? Grito de vitória pelo vislumbre de novos sentidos e de uma nova imagem de si? Seria o grito, a voz dilacerada do corpo? Ou o som que expressa em seus ecos a potência do corpo?

A essa altura, ouvindo o grito do corpo-docente, estamos diante do que Derrida (2002) chamou de *escrita do corpo* — a *palavra soprada* que risca o ar, vibra e traça a diferença. O corpo-docente-gritante em *trabalho de parto*, parindo diferenças? Um corpo-

máquina⁵, ou uma máquina-órgão, paradoxalmente, produtora de multiplicidades e diferenças.

Poderíamos, ainda, perguntar: é possível saber o que pode o corpo? E quando falamos do *corpo-docente-masculino*, é adequada a mesma indagação? Assim como o mundo, o corpo é um perpétuo vir-a-ser, é movido pela *vontade de potência*. Esse corpo errante, rebelde e desejante, como nos alerta Foucault (1984), opõe-se à força da moral. O corpo como vontade de potência resiste e nos faz ir mais adiante. Ele resiste aos dispositivos disciplinares, como a escola, a igreja, a prisão, o exército, o estado, o hospital, que estão a serviço da captura e controle da potência e da dimensão criativa do corpo. Percebemos uma ambivalência entre um corpo perseguido e um corpo que escapa.

O corpo mirado pelo poder disciplinar é o corpo orgânico, mas o corpo que nasce da resistência aos dispositivos disciplinares é o Corpo sem Órgãos: eis as vicissitudes do processo de criação do *corpo-masculino-marginal* desses professores.

REFERÊNCIA

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Destrução da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora: UFMG 2005.
- ARTAUD, Antonin. **Escritos**. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURCIER, Marie-Hélène. **Sexpolitique**. Queer zones 2. Paris: La Fabrique Editions, 2005.
- CONNELL, Robert W. **Masculinities**. México: Cambridge: Polity Press, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. Foucault e a terapêutica dos prazeres. In: **Revista Agora**. Rio de Janeiro: v.2, n.1, p.9 - 25, 1999.
- CURINGA. Entrevista concedida a Rogério Machado Rosa em 18/05/2009, p. 01-17.
- DAVI. Entrevista concedida a Rogério Machado Rosa em 28/06/2009, p. 01-09.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁵ Segundo Deleuze & Guattari (1996), por máquina se entende a combinação de elementos sólidos, cada um dos quais com sua função especializada, e funcionando sob controle humano para construir um movimento e executar um trabalho. As máquinas são produções de produções, sistema de produção de fluxos e cortes que se prolongam, incessantemente, para outros estados.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG , 2002.

_____.Violência e Metafísica. In: DERRIDA, Jacques. **La escritura y La diferencia**. Barcelona: Anthropos, 1997.

DOEL, M. Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michell. **História da Sexualidade** (Vol. I: A vontade de saber). Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da Sexualidade** (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HÍBRIDO. Entrevista concedida em 012/06/2009, p. 01- 22.

LINS, Daniel & GADELHA, Silvio (orgs). **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo?** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra** – um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RICARDO. Entrevista concedida a Rogério Machado Rosa em 10/05/2009, p. 01-12.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça** – Le tiers-instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. – 2ª Ed. Belo Horizonte, 2004.

RECEBIDO EM 23 DE NOVEMBRO DE 2012.

APROVADO EM 17 DE JULHO DE 2014.